



Comunicação oral: Eixo 6 – Educação de Jovens e Adultos

MEMÓRIAS DE ESCOLARIZAÇÃO DE SUJEITOS IDOSOS DA EJAI EM MACEIÓ – AL

Alexsandra da Silva Santos¹

Resumo: Este estudo é um recorte do trabalho de conclusão do curso, de Pedagogia, na Universidade Federal de Alagoas. Portanto, o presente trabalho busca compreender as trajetórias de vida e de escolarização de mulheres idosas da EJAI (Educação de Jovens, Adultos e Idosos), no município de Maceió, no sentido de entender como se relacionam com a escola na terceira idade. Partimos da seguinte problemática: o que narra os sujeitos idosos da EJAI, em Maceió, em relação às suas trajetórias escolares e de vida? Para responder a essa questão foram realizadas entrevistas narrativas com três sujeitas/mulheres-idosas, na intenção de construir um espaço de escuta atenta e interessada das vozes que ecoaram no momento de entrevista. Os achados demonstraram a negação da infância, e das juventudes dessas mulheres, e por consequência, o direito de estudar. E é na velhice, onde as tramas da educação escolar se configuram como uma oportunidade de ler e escrever.

Palavras-chave: Memórias de escolarização. Mulheres-idosas. EJAI.

Introdução

O presente trabalho insere-se no campo dos estudos dos Fundamentos da Educação, com recorte para a Educação de Jovens e Adultos (EJA)², destacadamente, os sujeitos idosos dessa modalidade, por entender que estes, no movimento histórico-social das suas vidas, foram aliados do direito à educação, de modo que ao retornar à escola, por vezes, sofrem com a estigmatização em torno da idade.

Desse modo, possibilitar espaços narrativos para a compreensão das suas trajetórias escolares no município de Maceió pode nos permitir construir entendimentos sobre os seus percursos de vida-formação, e dos enredamentos sócio históricos e culturais aos quais estão entrelaçados no tempo presente, e que fazem com que resistam aos ditames do discurso pedagógico de que seu lugar não é na escola. Neste sentido, o interesse pela temática surgiu durante uma experiência com a minha avó, na Pandemia da Covid-19³, em 2020, que consistiu na tentativa de alfabetização, uma vez que ela não conseguiu concluir a escolarização básica, tendo em vista as adversidades que a revestiram desde a infância, a

¹ Graduada pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/1838467719459697>. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-0918-7791>.

² Usaremos a sigla EJA quando se referir a área de conhecimento, e EJAI como demarcador da modalidade educacional no município de Maceió.

³ Covid 19 é uma infecção respiratória causada pelo novo coronavírus SARS-CoV-2. A doença é potencialmente grave, altamente transmissível e espalhou-se por todo o mundo. Informações disponíveis em: <https://brasilescola.uol.com.br/geografia/pandemia-de-covid-19.htm>



exemplo do trabalho doméstico, associado ao cuidado dos irmãos mais novos. Dessa experiência, resulta o interesse pela EJA, especificamente o olhar para os-as idosos-as, o que me levou a cursar duas disciplinas eletivas – EJA 1 e EJA 2 –, no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e mais a frente considerando o processo formativo de Pedagogia, tiveram os estágios 3 e 4 noturnos, que possibilitaram o contato com a escola da EJA. As discussões que emergiram dessas disciplinas, fizeram com que tivesse condições de aprofundar, teoricamente, com a feitura desse trabalho, as bases sobre os percursos escolares dos sujeitos, considerando as mobilizações para permanecerem estudando na terceira idade.

Conforme Alencar (2002), com quem concordo: a educação para os idosos é uma das mais significativas ferramentas sociais, porque ajuda nos processos mentais e sociais deles, de forma a cooperar para sua autonomia, ajuda na sua auto aceitação e contribuem para que os idosos olhem cuidadosamente para si mesmo. Fato que nos leva, também, a Mirian Goldenberg (2022) ao ressaltar a invenção de uma bela velhice, que perpassa pela reinvenção dos modos de se vê velho, bem como o seu lugar no mundo. Nessa direção, a autora caminha na contramão do discurso que apregoa apenas os aspectos negativos da velhice, no sentido de deterioração da vida, como se esta escorresse pelos poros. Por isso, defendemos, em consonância com a pesquisadora, que é preciso, dentro das possibilidades de políticas públicas de saúde, lazer, educação, “[...] aprender a envelhecer de uma forma mais autônoma, digna e saudável” (Goldenberg, 2022, p. 18). Nesta perspectiva, é que o estudar nesse ciclo da vida, pode ser considerado um ato de resistência, uma vez que a sociedade enxerga, grosso modo, o idoso como um ser destituído de potencialidades.

Ressalto que para a realização deste trabalho, partiu-se da seguinte problematização: o que narra os sujeitos idosos da EJAI, em Maceió, em relação às suas trajetórias escolares e de vida? Dessa questão, desdobraram-se outras: quais fatores impediriam a escolarização em suas vidas? Quais as mobilizações que evocam para estarem estudando no tempo presente? Quais são suas expectativas em relação à escola?

No sentido de responder a problematização, parto do seguinte objetivo: compreender, por meio das narrativas das pessoas idosas da EJAI, suas trajetórias de vida e de escolarização, buscando entender como se relacionam com a escola na terceira idade. Considero que estar na escola é um ato de resistência ao sistema educacional que não tem conseguido garantir o direito à educação, que perpassa pelo acesso, e desemboca na permanência, que se configura na possibilidade de transformação dos sujeitos.



As experiências do caminhar da pesquisa: sujeitos e metodologias

Como ressaltado anteriormente, esta pesquisa focaliza os sujeitos idosos/idosas na Educação de Jovens, Adultos e Idosos/as⁴, da Rede Municipal de Educação de Maceió, cidade situada no nordeste brasileiro, constituída por uma população de 957.916 habitantes, segundo censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2022). Nesse sentido, a população idosa representava, em 2012, 82.380, fazendo com que Maceió ocupasse a 17ª colocação no país, com 5,9% da população com 65 anos ou mais. Em 2022, 10 anos depois, a capital se mantém na mesma posição, mas agora com 8,6%, ainda de acordo com o censo do IBGE. Em ambos os períodos, as mulheres representavam o maior percentual em relação aos homens, fato que pode explicar a presença expressiva delas nas escolas, no período noturno. Nesta direção, a escola parece ser um lugar no qual os sujeitos sentem-se acolhidos, uma vez que podem construir outras relações afetivas com os profissionais, e também com os colegas de turma, ou de outras salas de aula, o que nos mostra o quanto ir para a escola está revestido de um sentido de inclusão. Analisando o contexto investigado – a escola –, identificamos que o total de matrículas era de 65 estudantes, em sua maioria mulheres.

Desse modo, realizamos uma entrevista compreensiva com 03 sujeitos/mulheres idosas, que se constituiu de uma escuta atenta e interessada das vozes que ecoaram no momento de entrevista. Para Richardson (2017), “[...] a entrevista é uma das formas que permite uma maior interação entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa”. Desse modo, os primeiros passos para que ocorresse essa aproximação se deu a partir de encontros na escola, caracterizados adiante.

Os encontros referidos, se deram de forma planejada, ou seja, tinham uma intenção previamente estabelecida. Esse fato, nos fez concordar com Labbuci (2013) quando nos afirma que caminhar é uma forma de resistência, existência, e de encontros, uma vez que é “uma modalidade do pensamento” (p. 09) e um ato prático, isto é, quem caminha encontra o outro. Essa forma de entender a pesquisa, enquanto um caminho construído, assente no pressuposto de que a movência dos fenômenos nos impele a também entrar na dinâmica do real, tentando compreender os sentidos que as pessoas empregam as suas experiências de vida-formação. Ou seja, somos caminhantes, e o próprio sujeito estudante, tem caminhado muito até chegar à escola com mais de 60 anos.

⁴ A rede municipal de educação de Maceió reconhece o sujeito idoso desde a sigla – EJA, a partir das discussões que resultaram nas Orientações Curriculares para a modalidade, publicadas em 2018.



Assim, no dia 20 de setembro de 2023 realizamos a primeira visita à escola, no sentido de estabelecermos contato com a equipe gestora para ela compreender a natureza do estudo, bem como para solicitarmos autorização para a realização da pesquisa. Desse modo, os nossos contatos se deram com a vice-diretora. Na qual fomos apresentados, a uma mulher de cinquenta e quatro anos, do terceiro período da EJA, porém, assim como expresso no Estatuto da Pessoa Idosa⁵, em seu Art. 1º são consideradas idosas às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos, fato que nos fez seguir em busca de outros sujeitos.

Nessa perspectiva, nós entramos na turma do primeiro período, onde estavam matriculadas 3 idosas, que tinham idades entre sessenta e cinco anos e setenta e quatro anos. Fomos apresentados a turma, pela vice-diretora, na qual fomos bem recebidos por todos/todas e em seguida tivemos o contato direto com as participantes da pesquisa. As nossas conversas com as entrevistadas duraram em torno de 9 a 20 minutos, na sala de aula, no momento do intervalo, de modo que no momento fizemos uso de um roteiro norteador, mas que no decorrer da conversa, foram acrescentados outros pontos não previstos, o que consideramos um ponto positivo. Neste sentido, apresentamos a seguir as três mulheres/idosas entrevistadas.

- Entrevistada 1– tem 70 anos, é dona de casa aposentada, mora sozinha, teve uma infância sofrida porque interrompeu os estudos para trabalhar, com o intuito de ajudar no sustento de casa, já que seu pai abandonou sua mãe com seis filhos. De acordo com a Entrevistada 1, o início da vida escolar se deu com nove anos de idade e estudou até o terceiro ano, do ensino fundamental. Ela também teve uma juventude conturbada, tendo em vista que: “a minha juventude como eu expliquei, [eu] curtia, bebia, me prostituía, a minha vida era isso” (Entrevistada 1, 70 anos).

A Entrevistada 1 teve cinco filhos, dos quais quatro vieram à óbito. Conta que sua filha foi a única que lhe trouxe o verdadeiro sentido de ser mãe, e de quem tem um neto e um bisneto. Hoje, na velhice, a Entrevistada 1 diz que está na sua melhor fase, pelo fato de que vive, como narrou, mediada pela religiosidade desde seus 45 anos e diz que foi a melhor coisa que lhe aconteceu, porque hoje (2023) faz o que agrada a Deus. Revelou que seu sonho é aprender a ler e a escrever. Ressaltou, ainda, que ser uma estudante idosa é saber aproveitar essa fase da vida para fazer o que não conseguiu quando foi jovem, de modo que as críticas que

⁵ Estatuto do Idoso - Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos. LEI Nº 10.741, DE 1º DE OUTUBRO DE 2003. Disponível em: . Acessado em: 12 de out. de 2023



recebe da sua família não tem sido mais forte do que o sonho de aprende a ler e escrever. Em suas palavras, disse que escuta dos seus familiares frases como: “Depois de velha, tu vai estudar pra quê? Abaixa o fogo teu fogo dentro de casa’, é isso que eles diz comigo” (Entrevistada 1, de 70 anos). Narrou que foi o apoio e incentivo de uma vizinha que a fez retornar e permanecer estudando.

- Entrevistada 2 – tem 65 anos, nasceu na Bahia, casou e veio morar em Maceió. Tem quatro filhos, é viúva e mora com sua neta de 19 anos; teve que interromper os estudos para cuidar dos seus irmãos no intuito da sua mãe trabalhar. Sua vida adulta se deu, por muito tempo, dedicada ao trabalho como cozinheira em restaurantes e em casas de família; não é aposentada porque não tem tempo suficiente de contribuição, e atualmente (2023) é sua filha quem paga seu Instituto Nacional do Seguro Social (INSS). É que, considerando esse fato, para se aposentar por idade urbana ⁶ é preciso que: comprove a carência mínima de 180 contribuições; tenha 15 anos de tempo de contribuição; tenha a idade mínima de 65 anos, para homens, ou 62 anos de idade, para mulheres (Serviços e Informações do Brasil, 2023).

A Entrevistada 2 relata que sua infância não foi ruim e nem boa e que a juventude e a vida adulta foram sofridas, como narrou: “A minha infância não foi ruim, mas também boa ela não foi porque naquele tempo era diferente de hoje, né? Já a minha juventude e vida adulta foi sofrida, né? Porque tudo na vida, tudo tem uma luta, não tem tranquilidade” (Entrevistada 2, de 65 anos). E a velhice tem sido uma fase de tranquilidade, diz que hoje é feliz, pois assim como a Entrevistada 1 vive imersa na religiosidade. É evangélica e isso, na sua concepção, trouxe paz para sua vida e permitiu que ela visse as coisas mais naturalmente: “Mas eu sou feliz, me sinto feliz com Jesus, hoje eu sou evangélica, parece que Deus transforma a vida da gente, né? A gente tem mais paz, ver as coisas mais naturalmente na frente da gente, entendeu? Então, eu acho a minha velhice uma tranquilidade” (Entrevistada 2, de 65 anos).

-Entrevistada 3 – tem 74 anos, é dona de casa, recebe a pensão do seu falecido marido, tem dois filhos, cinco netos e um bisneto, mora sozinha, sendo que um filho seu mora na casa que fica no primeiro andar; é natural de Maceió, morou no bairro chamado Bebedouro, mas durante a sua infância juntamente com a sua família, se mudou para o interior, e lá foi onde começou a trabalhar na roça, e cuidar dos irmãos, ao passo que tempos depois trabalhou, também, como doméstica. Estudou pouco durante sua infância e com cerca de 15 anos retornou para Maceió, onde foi trabalhar como empregada doméstica.

⁶ A forma para solicitar aposentadoria por Idade Urbana foi retirado do Site; Solicitar aposentadoria por idade urbana. Disponível em: < <https://www.gov.br/pt-br/servicos/solicitar-aposentadoria-por-idade-trabalhadorurbano> >. Acessado em: 18 de out. de 2023



As entrevistas se constituíram em um momento de muito aprendizado, tendo em vista que a partir delas, foi possível conhecer o caminhar, bem como as trajetórias de vida de cada entrevistada, sobretudo os percursos que são aventados/reconstruídos na velhice, como a decisão de retornar à escola. Para Goldenberg (2022, p. 75): “A invenção de uma ‘bela velhice’ parece depender tanto da sensação de segurança quanto de conquista de liberdade. De um lado, saúde, dinheiro suficiente para ter uma vida confortável, família, trabalho. De outro uma maior liberdade para seguir a própria vontade”. E é a busca pela liberdade da própria vontade que as Entrevistadas 2 e 3, estão estudando e carregam aspirações de aprender a ler e a escrever para realizar sonhos, tais como ser professora, fazer o curso de culinária para aperfeiçoar os conhecimentos na área e ter uma certificação e tantos outros que vão surgindo no decorrer do caminhar.

E ainda, segundo Goldenberg (2022), não existe um modelo único de “bela velhice”, até porque cada indivíduo é único e cada um tem sua própria história, de modo que: “para cada indivíduo singular existe uma ‘bela velhice’ também singular, que só pode ser construída por ele e vivida unicamente por ele” (p. 82). Nessa conjuntura, para as entrevistadas da pesquisa, estudar era um sonho, bem como possui tantas outras representações, como comentamos na seção seguinte.

Infância, juventude, vida adulta e velhice nas narrativas das mulheres-idosas da EJAI

Neste sentido, observamos uma recorrência no que se refere as condições materiais e existenciais nas narrativas da Entrevista 1, Entrevista 2 e Entrevista 3. Tratam-se dos fatores que as impediram de seguirem seus percursos escolares, em um Brasil (década de 1950 e 1960) num contexto social dominado pela industrialização e a urbanização, em um cenário econômico e político conturbados.

Considerando as formas de sobrevivência das entrevistadas, notam-se, por exemplo, que para a Entrevistada 1, o fato de ter que cuidar dos irmãos mais novos, e da mãe, após o abandono da família pelo pai, fez com que não tivesse oportunidade de estudar, sendo levada, ao mesmo tempo, a assumir responsabilidades que não lhe competiam enquanto criança: “minha infância não foi fácil porque minha mãe teve seis filhos [e] meu pai abandonou ela, [aí] eu tive que trabalhar para sustentar todos eles, por isso que eu parei de estudar” (Entrevistada 1, de 70 anos).

Nesta direção, a Entrevistada 2, nos conta que também teve que interromper os estudos para cuidar dos seus irmãos, enquanto sua mãe trabalhava: “como era mais velha tinha que tomar



conta dos meus irmãos pra poder minha mãe trabalhar, aí eu parei os estudos, só sabia mesmo assinar o meu nome” (Entrevistada 2, de 65 anos). Observamos que houve um movimento diferente entre a Entrevistada 2 e a Entrevista 1. Enquanto esta teve que trabalhar fora de casa para provê-la de recursos materiais, a Entrevistada 2 circunscreveu suas ações à vida doméstica, sendo levada a relacionar suas condições de menina-mulher à dona de casa e, portanto, apta, de forma biológica, a cuidar das crianças, sendo que também partilhava esse ciclo da vida. Podemos perceber, nesse movimento dos ciclos de vida das narradoras, a negação não somente do direito à escola, mas também de viverem suas infâncias.

A Entrevistada 3 – por sua vez, interrompeu os estudos para trabalhar, com o intuito de ajudar seus pais: “Só estudei até a cartilha A, B, C, D e E, tive que trabalhar para ajudar meus pais” (Entrevistada 3, de 74 anos). De forma contraditória, a Entrevistada 3 atribui a esse período como o melhor da sua vida, pois poderia trabalhar, de modo que sua afirmação vem acompanhada de uma crítica aguda aos tempos presentes, em que as crianças não podem trabalhar, em uma referência à vigilância de órgãos como o Conselho Tutelar, que zela pelos direitos das crianças e dos adolescentes. Logo, compreendemos que pela sua fala, a Entrevistada 3 não tem o entendimento que o direito à educação lhe foi negado, ou seja, o trabalho não deveria fazer parte da sua infância, mas sim à educação. Assim se pronuncia: “[...] meu pai [...] levou a gente para o interior e o interior foi ótimo pra mim, aí fui trabalhar, não é como esse tempo de hoje que criança não pode trabalhar, né? Antigamente as crianças tudo trabalhavam, a gente se vestia e se calçava com os próprios punhos mesmo, não esperava por pai e nem mãe” (Entrevistada 3, de 74 anos).

A partir das falas das mulheres referidas acima, temos como presente o quanto a ausência de direitos plurais, incluindo a própria vida, bem como a violação destes, podem comprometer, severamente, a existência das pessoas. Se difundiu no senso comum, a ideia de que a criança precisa trabalhar de forma intensa para que ela se torne uma adulta responsável e trabalhadora. Além disso, há uma crença muito mais prejudicial de que estudar é para poucos. Isso nos faz lembrar de Paulo Freire (1987) quando reflete que de tanto dizer que as pessoas não sabem, elas se convencem disso. Desse modo, nos parece que esse discurso, chega de forma muito nítida aos sujeitos, ao passo que passam a afirmar que o trabalho forçado é que trará mais rentabilidade, não os estudos, o qual é alçado a um lugar inacessível, para poucos, especificamente os que possuem recursos financeiros. No entanto, modalizamos nossa inferência, no sentido de que não estamos procurando culpados, mas entendendo que essa lógica perversa – discursiva – é que conforma determinadas pessoas à lugares específicos.



Em continuidade, percebemos que as juventudes, bem como a vida adulta dessas mulheres, também se resumiram a trabalho, acrescido do cuidado com seus próprios filhos, e do marido. Como nos conta a Entrevistada 3 (74 anos): “minha juventude foi um pouco dura, né? Mas adulta foi um pouco mais fácil pra mim porque quando a gente fica adulta a gente, tem umas que não pensam, mas eu pensava na minha vida, entendeu? O que era bom ou que era ruim pra mim. Entendeu?”. O panorama que a Entrevistada 3 faz revela: a compreensão entorno do labor intenso, os cuidados com seus dois filhos, e a própria condição de não saber ler e escrever.

A Entrevistada 2 resume sua trajetória na juventude e vida adulta da seguinte forma: “Foi sofrida, né? Porque tudo na vida, tudo tem uma luta, não tem tranquilidade”, pois segundo ela: “A gente tem que trabalhar, ou bem trabalhar ou bem estudar e depois vem os filhos e a gente se dedica para os filhos, foi o que aconteceu comigo. Então, eu me sinto, me acho maravilhosa depois dessa idade estudar porque minha vontade é estudar, é ler, aprender a ler” (Entrevistada 2, de 65 anos). Tal perspectiva, cujo sonho é aprender a ler e escrever, nos faz lembrar os estudos de Coura (2008) quando afirma que entre medos e sonhos, os/as idosas/as da EJAI se aventuram por meio de outras significações sociais da escola, apesar da vida ter sido marcada por tantas e diferentes relações de exclusão.

Nesse sentido, é que o envelhecimento trata-se de um processo complexo, o qual deve ser estudado, compreendido e não definido apenas por algumas alterações orgânicas, morfológicas e funcionais evidenciadas pelos cabelos brancos, diminuição do vigor físico e pele enrugada, mas deve ser levado em consideração a história de vida de cada sujeito (Andrade, 2020). Assim, as idosas da EJAI experienciam esse ciclo da vida com muita compreensão do que estão fazendo, e do que ainda podem alcançar enquanto objetivo de vida, como nos diz a Entrevistada 1: “Estou melhor de quando eu era jovem, pra mim eu acho. Pra mim a melhor foi a minha velhice” (Entrevistada 1, de 70 anos).

Nessa perspectiva, a Entrevistada 3 relata que gosta da sua idade, de ser idosa, porque tem a oportunidade de experienciar diversas interações, como nos conta: “[...] Eu vivo no CRAS⁷, gosto de participar dos idosos no CRAS eles dão uma feirinha de vez em quando, faço karatê e faço física⁸” (Entrevistada 3, de 74 anos). De acordo com o Art. 3º do Estatuto da Pessoa

⁷ O Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) é uma unidade pública de atendimento à população e são oferecidos os serviços de Assistência Social

⁸ Fazer física, é o modo de expressar a prática de exercícios físicos.



Idosa⁹ é obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do poder público assegurar à pessoa idosa, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária. Logo, compreendemos que o público-alvo do CRAS também inclui os idosos, porém, das entrevistadas apenas a Entrevistada 3 se mostrou conhecedora dos seus direitos e dos serviços oferecidos pelo órgão. Com isso, compreendemos o quanto é importante as pessoas idosas conhecerem seus direitos, para que possam usufruir deles e de uma melhor qualidade de vida.

Do mesmo modo, em concordância com o Estatuto da Pessoa Idosa, no Art. 20 – “A pessoa idosa tem direito a educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade” e no Art. 21 apresenta que “cabe ao poder público criar oportunidades de acesso da pessoa idosa à educação [...]”. Nessa conjuntura, para a Entrevistada 1 ser uma estudante idosa é persistir na vontade de estudar, já que teve que interromper os estudos na infância: “Eu acho assim quando a pessoa no começo que é jovem que não consegue estudar e nem aprender a ler e nem escrever, quando chega numa certa idade que tem vontade de estudar tem que estudar, eu mesma toda vez sempre tive vontade de estudar” (Entrevistada 1, de 70 anos).

Já para a Entrevistada 2 ser uma estudante idosa é motivo de orgulho, de poder dizer que estudou na velhice e que sabe ler e escrever: “É maravilhoso, é um orgulho você chegar assim num canto e dizer assim eu sei ler e escrever eu estudei depois de tanta idade, hoje eu sou uma pessoa estudada, entendeu?” (Entrevistada 2, 65 anos). Sendo a educação um direito da pessoa idosa, estudar nessa etapa da vida trás muito significado e realização pessoal.

Por conseguinte, para Entrevistada 3 ser uma estudante idosa é consolidar sua leitura e escrita já que o direito à educação lhe foi negada na infância: “Um estudante idoso, assim, porque a gente vai aprender mais a ler, escrever. Porque no tempo que eu estudava eu trabalhava, não tinha tempo e hoje eu tenho mais tempo, de fazer o dever, de responder, de escrever, estou aprendendo, fazendo uma leitura melhor, estou escrevendo melhor, entendeu?” (Entrevistada 3, de 74 anos). E, por fim, o que trouxemos aqui dialogam com os estudos de Coura (2008, p. 15), que demonstraram, que para além da perspectiva do direito,

⁹ Estatuto da Pessoa Idosa e dá outras providências. Disponível em < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm#:~:text=Esporte%20e%20Lazer-Art.,sua%20peculiar%20condi%C3%A7%C3%A3o%20de%20idade. > Acessado em: 31 de out. de 2023.



a educação dos idosos é promotora de qualidade de vida e permite “[...] uma forma de se manterem vivos não apenas biologicamente, mas também, socialmente”.

As relações com à escola nas narrativas de mulheres-idosas da EJAI

Para a Entrevistada 1, o que a motiva estar na escola é aprender a ler e a escrever: “De aprender, né? Aprender a ler e a escrever e a saber como escrever as letras porque as vezes eu escrevo e falta um ponto, falta o S, o L, tenho que estudar para completar as frases com as letras certas” (Entrevistada 1, de 70 anos). Nesse sentido, podemos entender que o sentido da escola, ou sua representação, para a narradora, é aprender para se guiar diante de um mundo em constante evolução e que requer, sempre, a compreensão da sua dinâmica escrita.

Nesta direção, a Entrevistada 2 também acentua esse caráter formativo (curricular, conteúdos) como uma marca que a faz retornar para a escola, de modo que atribui a esse espaço um sentido reduzido quanto à sua aprendizagem, como nos disse: “Aí coloquei na minha mente vou aprender a ler, como não quis aprender enquanto era jovem como não tenho mais preocupação, os filhos já estão casados, então eu vou estudar e eu vim” (Entrevistada 2, de 65 anos). Precisamos compreender que as expectativas dos sujeitos da EJAI, por vezes, são marcadamente relativas à aprendizagem da tecnologia da escrita, acompanhada da leitura. Porém, é fundamental que a/o docente consiga ultrapassar essa perspectiva, de modo a estabelecer um prolongamento das suas formas de estar na escola, bem como uma superação das suas visões, muitas vezes, ingênuas. Além disso, recorrem sempre a uma memória passada que justifica o sentido de retornarem à escola e revelam sempre o quanto suas trajetórias são marcadas por muitas e diferentes violações.

Já a motivação da Entrevistada 3 (de 74, anos) para estar na escola, é de aperfeiçoar sua leitura e escrita: “De aprender mais, eu queria assim me informar mais, saber mais ler, escrever melhor”. Podemos analisar que tanto a Entrevistada 1, quanto a Entrevistada 2 e a Entrevistada 3, ambas se movimentam a partir do desejo de aprender a ler a escrever. Dessa maneira, Mortatti (2005) assevera que a alfabetização e o letramento são processos tidos como fundamentais para o exercício da cidadania e para o crescimento individual e de uma nação. Logo, é dever do Estado garantir o direito à educação a todos os cidadãos para que sejam alfabetizados como uma forma de inclusão social.

Além das representações da escola como um espaço em que se aprender a ler e escrever, percebemos que as narradoras também atribuem um sentido que mina o significado social desse lugar, pois apresentam outros rumos, como é o caso de Roberta que enxerga na escola



uma oportunidade de galgar outras possibilidades de vida, acopladas a sua identidade social, de mulher trabalhadora, que se situa no campo das atividades domésticas. Assim, o sonho de fazer um curso de culinária fala mais alto, e nesse sentido, conta que: “O meu sonho é fazer o curso de arte culinária porque eu acho muito bonito. Eu já trabalhei muito nas cozinhas dos outros, já cozinhei muito, abri restaurante, fechava restaurante, meu serviço era na cozinha, apesar que eu não sabia ler, mas meus patrões ficavam incríveis de ver, as vezes eles não acreditavam, ele dizia assim eu não acredito que a senhora não sabe ler (Entrevistada 2, de 65 anos).

Já a Entrevistada 3, tem o sonho de ser professora, porém acha que pela sua idade isso não é possível: “Nessa idade que eu tenho, eu não sei. Não sei, se eu fosse mais nova meu sonho era formar pra professora” (Entrevistada 2, de 74 anos). Não é só a Entrevistada 3 que se limita devido a sua idade, na pesquisa de Coura (2008), ao estudar os medos e sonhos de pessoas idosas na Educação de Jovens e Adultos, em Belo Horizonte, como citado anteriormente, há relatos de 19 entrevistados que citaram a idade como fator limitante para alcançar certos objetivos, mas que mesmo assim não pararam de estudar.

Considerações finais

Portanto, percebemos os movimentos de vida-formação pelos quais passaram, de modo que se identificou a negação do direito à educação, saúde, lazer, habitação e cultura, tanto no ciclo da infância, seguindo-se para a juventude e vida adulta, de modo que percebemos resquícios de muitas negações na velhice. Podemos entender que foi nesse tempo da vida que as entrevistadas encontraram respaldo legais, e condições objetivas, para estudarem, pois como comentaram não mais precisam cuidar de filhos, ou trabalhar para sobreviverem, uma vez que estão aposentadas, com exceção de uma entrevistada.

Neste sentido, podemos analisar pelos relatos que as entrevistadas tiveram a infância e vida adulta conturbadas, mas descrevem a velhice como a melhor fase das suas vidas, pois está marcada pela tranquilidade e pela liberdade para suprir as próprias expectativas e desejos, não tendo mais que cumprir obrigações coletivas, como o cuidado da casa.

Foi possível compreender, ainda, que uma velhice bem-sucedida se configura, também, pelas tramas da educação escolar, considerando os sonhos de aprender a ler e escrever, de modo que esta aprendizagem pode ser uma ferramenta importante para uma velhice mais positiva



e com mais significado. Nesse sentido, compreendemos que frequentar à escola para essas mulheres-idosas faz parte de uma realização pessoal.

Referências

ANDRADE, E. R. *Histórias de idosos: sementes para cultivarmos uma educação para uma velhice bem-sucedida*. 2009. 136 f. Tese (Doutorado em Educação). Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/14235/1/EveraldoRA.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2024.

COURA, I. G. M. *Entre medos e sonhos nunca é tarde para estudar: a terceira idade na educação de jovens e adultos*. 31ª Reunião Anual da Anped, Caxambu, 2008. Disponível em: <http://31reuniao.anped.org.br/1trabalho/GT18-4504--Int.pdf>. Acesso em: 07 mai. 2024.

D'ALENCAR, R. S. *Ensinar a Viver, Ensinar a Envelhecer: desafios para a educação de idosos*. *Estudos Interdisciplinares Sobre O Envelhecimento*, v. 4, UFRGS, p. 61-83, 2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/4719>. Acesso em: 07 mai. 2024.

BRASIL, *Lei n. 10.741, de 01 de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto da Pessoa Idosa e dá outras providências*. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm. Acesso em: 06 mai. 2024.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*, 17ª. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GOLDENBERG, M. *A invenção de uma bela velhice: projeto de vida e busca da felicidade*, 3ª ed. Rio de Janeiro, Record, 2022.

LABBUCI, A. *Caminhar, uma revolução*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

MORTATTI, M. R. L. *Educação e letramento*. São Paulo: Unesp, 2004.

RICHARDSON, R. J. *Pesquisa Social Métodos e Técnicas*, 4. ed. São Paulo, Atlas, 2017